



INTRODUÇÃO À SAÚDE BUCAL NO TRANSTORNO DE PACIENTES COM ESPECTRO AUTISTA: IMPACTOS, DIFICULDADES, INTERVENÇÕES

Autor(res)

Rildo Batista Freire
Ana Luísa Costa Dantas
Maria Madalena Lima Oliveira

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

UNIME LAURO DE FREITAS

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social, presença de comportamentos restritos e repetitivos, além de alterações sensoriais e cognitivas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Trata-se de um espectro clínico heterogêneo, cujas manifestações variam em intensidade e impacto funcional, sendo geralmente identificado nos primeiros anos de vida. Nas últimas décadas, houve um aumento significativo no número de diagnósticos, o que tem ampliado a necessidade de adaptação dos serviços de saúde para atender de forma adequada essa população, incluindo o cuidado odontológico.

A saúde bucal de indivíduos com TEA representa um desafio relevante, uma vez que fatores comportamentais, sensoriais e motores influenciam diretamente na manutenção da higiene oral e na prevenção de doenças bucais. Crianças com TEA frequentemente apresentam seletividade alimentar, com preferência por alimentos ricos em açúcares e de consistência macia, o que favorece o desenvolvimento de cárie dentária. Além disso, alterações na coordenação motora e dificuldades na execução de movimentos finos comprometem a realização adequada da escovação, contribuindo para o acúmulo de biofilme dental e aumento do risco de doença periodontal (LOPES; ROCHA, 2019; BORGES et al., 2020).

Outro fator importante é a presença de hipersensibilidade sensorial, que pode se manifestar como aversão ao toque na região oral, dificultando tanto os cuidados domiciliares quanto o atendimento odontológico. Estímulos comuns ao ambiente clínico, como luz intensa, sons de equipamentos e odores característicos, podem desencadear reações de ansiedade, desconforto e resistência por parte da criança (FERREIRA et al., 2021). Essas respostas comportamentais tornam o manejo clínico mais complexo, exigindo do cirurgião-dentista preparo específico e estratégias diferenciadas.

A dificuldade de comunicação, presente em muitos indivíduos com TEA, também representa um obstáculo significativo no contexto odontológico. A limitação na expressão de dor ou desconforto pode levar ao diagnóstico tardio de alterações bucais, agravando o quadro clínico e aumentando a necessidade de intervenções mais



invasivas. Nesse sentido, o uso de recursos de comunicação alternativa, como pictogramas e linguagem visual, tem se mostrado uma estratégia eficaz para facilitar a interação entre profissional e paciente (COSTA et al., 2019).

O atendimento odontológico de pacientes com TEA requer uma abordagem humanizada e individualizada, baseada no respeito às particularidades de cada indivíduo. Estratégias de manejo comportamental, como a técnica “Tell-Show-Do”, a dessensibilização progressiva e o reforço positivo, têm sido amplamente utilizadas para promover maior adaptação ao ambiente clínico e aumentar a cooperação durante os procedimentos (MARTINS et al., 2017). Paralelamente, a adaptação do ambiente odontológico, com controle de estímulos sensoriais, contribui significativamente para a redução da ansiedade e melhora da experiência do paciente.

Além dos aspectos clínicos, é fundamental considerar o impacto psicossocial do TEA no cuidado em saúde bucal. A ida ao consultório odontológico pode ser uma experiência estressante tanto para a criança quanto para seus familiares, exigindo do profissional não apenas habilidades técnicas, mas também empatia, paciência e sensibilidade. A participação ativa dos cuidadores no processo de cuidado é essencial, especialmente na manutenção da higiene oral no ambiente domiciliar e na adaptação da criança ao tratamento odontológico (COSTA; RIBEIRO, 2021).

Outro ponto relevante refere-se à necessidade de capacitação contínua dos cirurgiões-dentistas para o atendimento de pacientes com necessidades especiais, incluindo aqueles com TEA. A formação acadêmica muitas vezes não contempla de forma aprofundada o manejo desses pacientes, o que pode gerar insegurança profissional e comprometer a qualidade do atendimento. Dessa forma, a educação continuada e o desenvolvimento de habilidades específicas são fundamentais para garantir um cuidado ético, seguro e eficaz.

A atuação multiprofissional também se destaca como um fator importante no manejo de pacientes com TEA. A integração entre diferentes áreas da saúde, como odontologia, psicologia, fonoaudiologia e terapia ocupacional, permite a construção de estratégias mais abrangentes, que consideram não apenas os aspectos clínicos, mas também comportamentais e sociais do paciente. Essa abordagem integrada contribui para a promoção de um cuidado mais completo e centrado no indivíduo.

Diante desse contexto, torna-se essencial compreender as particularidades do TEA no âmbito da saúde bucal, bem como os desafios enfrentados no atendimento odontológico dessa população. A identificação desses fatores possibilita o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e inclusivas, promovendo um atendimento humanizado e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida desses pacientes (OPAS, 2025).

Objetivo

Compreender as principais alterações bucais em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando os fatores que interferem na higienização oral e no acesso ao atendimento odontológico. Além disso, analisar as dificuldades comportamentais e sensoriais desses pacientes, bem como apresentar estratégias e intervenções que possam contribuir para um atendimento odontológico mais humanizado, eficaz e adaptado às suas necessidades, promovendo melhor qualidade de vida e inclusão no cuidado em saúde bucal.

Material e Métodos

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza descritiva, com o objetivo de analisar



a produção científica acerca da saúde bucal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram incluídos artigos publicados nos últimos dez anos, nos idiomas português e inglês, que abordassem temas relacionados à odontologia, higiene bucal, comportamento e estratégias de manejo clínico em pacientes com TEA. As buscas foram realizadas em bases de dados reconhecidas, como Google Acadêmico, SciELO e PubMed, utilizando descritores como “Transtorno do Espectro Autista”, “saúde bucal”, “odontologia”, “higiene oral”, “doença periodontal” e “cárie dentária”. Após a busca inicial, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, seguida da análise completa dos artigos selecionados, com base em sua relevância para o tema proposto.

Foram considerados critérios de inclusão estudos que abordassem diretamente o atendimento odontológico de pacientes com TEA, bem como aqueles que discutissem estratégias de manejo comportamental, prevenção de doenças bucais e participação dos cuidadores. Foram excluídos artigos duplicados, incompletos ou que não apresentassem relação direta com o tema.

A metodologia adotada permitiu a análise integrada dos dados disponíveis na literatura, possibilitando a identificação dos principais desafios e estratégias relacionadas ao cuidado odontológico de crianças com TEA, sem a realização de intervenções experimentais.

Resultados e Discussão

Os estudos analisados evidenciam que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam maior predisposição ao desenvolvimento de alterações bucais, especialmente cárie dentária e doença periodontal. Essa maior vulnerabilidade está associada a um conjunto de fatores interligados, incluindo dificuldades na higienização oral, seletividade alimentar, alterações sensoriais e limitações comportamentais, que interferem diretamente na manutenção da saúde bucal (BORGES et al., 2020).

A seletividade alimentar é um fator relevante, uma vez que muitas crianças com TEA apresentam preferência por alimentos de textura macia e alto teor de carboidratos, o que favorece a fermentação bacteriana e o desenvolvimento de lesões cariosas. Além disso, a frequência alimentar elevada, associada à dificuldade de higienização após as refeições, contribui significativamente para o aumento do risco de cárie dentária.

A resistência à escovação dentária constitui uma das principais dificuldades relatadas pelos cuidadores. A hipersensibilidade oral, frequentemente presente nesses pacientes, pode gerar aversão ao contato com a escova dental e o creme dental, dificultando a realização da higiene bucal. Além disso, a limitação na coordenação motora fina compromete a execução adequada dos movimentos necessários para uma escovação eficaz, favorecendo o acúmulo de biofilme dental e o desenvolvimento de doenças periodontais (COSTA; RIBEIRO, 2021).

No ambiente clínico, o atendimento odontológico de pacientes com TEA é frequentemente desafiador, sendo comum a presença de comportamentos como choro, agitação, recusa ao tratamento e dificuldade de permanência na cadeira odontológica. Esses comportamentos estão relacionados à ansiedade, ao medo do desconhecido e à hipersensibilidade a estímulos sensoriais, como luz intensa, sons de equipamentos e odores característicos do consultório odontológico (FERREIRA et al., 2021).

Diante desse cenário, a literatura destaca a importância da utilização de estratégias de manejo comportamental adaptadas às necessidades individuais de cada paciente. A técnica “Tell-Show-Do” tem se mostrado eficaz na familiarização da criança com o ambiente e os procedimentos odontológicos, promovendo maior previsibilidade e reduzindo a ansiedade. A dessensibilização progressiva, realizada por meio de sessões curtas e gradativas,



também contribui para a adaptação do paciente ao atendimento clínico (MARTINS et al., 2017).

O uso de reforço positivo, por meio de elogios, recompensas simbólicas e estímulos motivacionais, favorece o desenvolvimento de comportamentos colaborativos e melhora a aceitação do tratamento odontológico. Além disso, a comunicação visual, utilizando pictogramas, figuras e histórias sociais, facilita a compreensão das etapas do atendimento, especialmente em pacientes com dificuldades na linguagem verbal (COSTA et al., 2019).

A adaptação do ambiente odontológico foi apontada como um fator determinante para o sucesso do atendimento. Estratégias como a redução da intensidade luminosa, o controle de ruídos, a utilização de fones de ouvido com música e a presença de elementos lúdicos e familiares contribuem para a diminuição da ansiedade e do estresse durante o atendimento (NASCIMENTO et al., 2022). Essas intervenções, embora simples, apresentam impacto significativo na cooperação do paciente.

A participação dos cuidadores desempenha papel fundamental tanto na adaptação ao atendimento odontológico quanto na manutenção da higiene bucal no ambiente domiciliar. A orientação adequada permite a implementação de rotinas estruturadas de escovação, além do uso de técnicas simplificadas e adaptadas às necessidades da criança. O envolvimento familiar também favorece a continuidade dos cuidados e a consolidação dos hábitos de higiene oral (BORGES et al., 2020).

Outro aspecto importante refere-se à individualização do plano de tratamento. Cada paciente com TEA apresenta características únicas, sendo fundamental a avaliação prévia do perfil comportamental e sensorial para a definição da abordagem clínica mais adequada. Em situações mais complexas, nas quais as estratégias comportamentais não são suficientes, pode ser necessário o uso de sedação consciente ou anestesia geral, sempre com critérios rigorosos e como última alternativa terapêutica (PEREIRA et al., 2023).

A literatura também reforça a importância da atuação multiprofissional no cuidado de pacientes com TEA. A integração entre cirurgiões-dentistas, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais possibilita a construção de estratégias mais abrangentes, considerando não apenas os aspectos clínicos, mas também comportamentais e psicossociais. Essa abordagem integrada contribui para melhores resultados terapêuticos e maior qualidade de vida para o paciente.

Além disso, destaca-se a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de odontologia. A falta de preparo específico para o atendimento de pacientes com TEA pode comprometer a qualidade do cuidado prestado, reforçando a importância da inclusão desse tema na formação acadêmica e em programas de educação continuada.

Dessa forma, os resultados evidenciam que o sucesso do atendimento odontológico em pacientes com TEA depende da combinação de estratégias comportamentais, adaptação do ambiente clínico, participação ativa dos cuidadores e capacitação profissional, sendo essencial uma abordagem humanizada e individualizada.

Conclusão

A saúde bucal de crianças com TEA envolve desafios relacionados a fatores comportamentais, sensoriais e motores, que dificultam tanto a higienização oral quanto o atendimento clínico. A adoção de estratégias



individualizadas, aliada à adaptação do ambiente e ao manejo comportamental, é fundamental para o sucesso terapêutico. Além disso, o envolvimento dos cuidadores e a capacitação profissional são essenciais para promover um cuidado humanizado, eficaz e inclusivo.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BORGES, L. et al. A saúde bucal de crianças autistas: dificuldades e estratégias. Revista Brasileira de Odontologia, v. 77, n. 3, p. 186-191, 2020.
- COSTA, A. R.; RIBEIRO, A. P. Estratégias de higiene bucal em crianças com TEA. Jornal de Odontologia para Pacientes Especiais, v. 6, n. 2, p. 32-37, 2021.
- COSTA, D. L. et al. Comunicação efetiva no atendimento odontológico de pacientes com TEA. Pesquisa Odontológica Brasileira, v. 36, n. 1, p. 45-50, 2019.
- FERREIRA, M. et al. Estratégias comportamentais no manejo de crianças autistas. Revista de Psicologia e Saúde, v. 13, n. 1, p. 11-18, 2021.
- LOPES, R. A.; ROCHA, M. J. Humanização no atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais. Ciência & Saúde Coletiva, 2019.)
- MARQUES, A. C. P. R. et al. Condições de saúde bucal em crianças com transtorno do espectro autista. Revista Odontológica do Brasil Central, 2019).
- MARTINS, A. M. et al. Protocolo de dessensibilização em odontopediatria para pacientes com autismo. Odonto&Clínica Científica, v. 16, n. 1, p. 33-39, 2017.
- MINSAÚDE. Linhas de cuidados. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 18 set. 2025.
- OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 18 set. 2025.
- REVISTA DO CRO MG. Disponível em: <https://revista.cromg.org.br/index.php/rcromg/article/view/480>. Acesso em: 18 set. 2025.
- REVISTA FT. Ciências da saúde, volume 29 – Edição 140/Nov 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/category/ciencias-da-saude/>. Acesso em: 18 set. 2025.